O surgimento da escrita, a invenção e a evolução das artes gráficas

A humanidade sempre dependeu de se comunicar para poder sobreviver melhor, transmitir os conhecimentos acumulados sempre foi algo muito importante.

Contudo, nem sempre os homens dispuseram de sistemas bem organizados para fazer essas coisas.

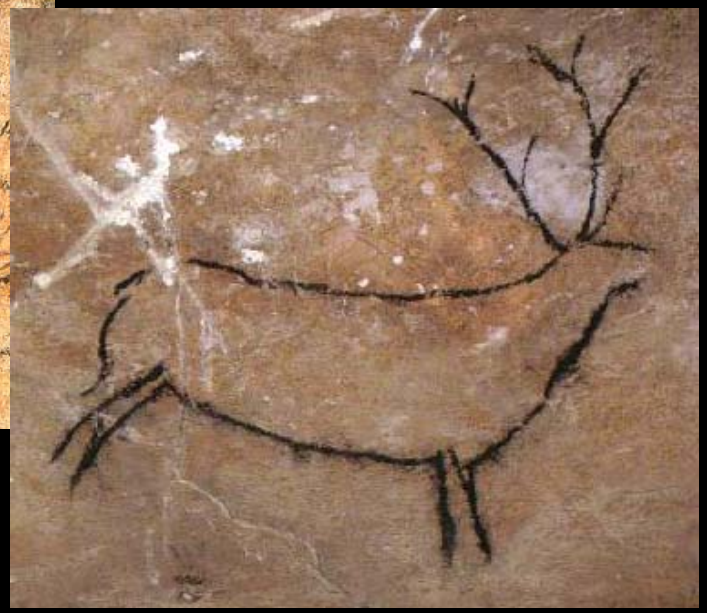
A mímica e a imitação possivelmente foram as primeiras formas de ensinar e comunicar.

Antes mesmo de constituir a linguagem falada os homens começaram a se comunicar através de desenhos e pinturas

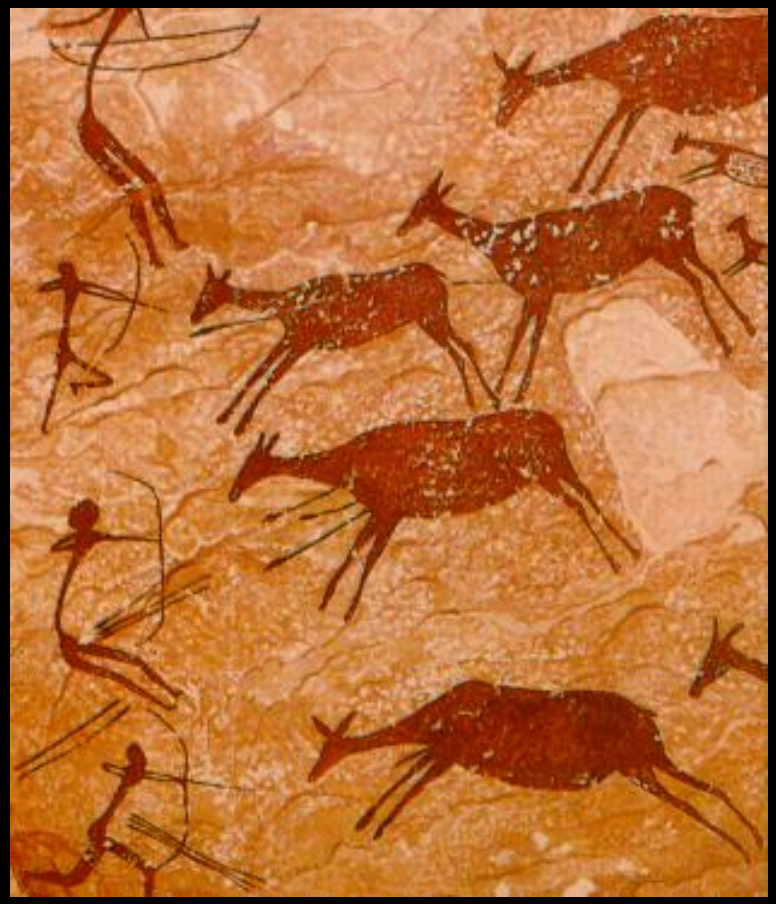
E são as chamadas pinturas rupestres os primeiros registros desse tipo de comunicação.

De diferentes formas os homens sempre tentaram deixar suas marcas pelas terras onde viveram.

Além das marcas produzidas pelo decalque de suas mãos os homens da pré-história também desenhavam, com muita habilidade, as coisas que os cercavam.



De diferentes formas os homens foram tornando o registro visual mais complexo e ele se torna uma das primeiras formas de narrativa registrada.



As atividades diárias e as de maior interesse começam a aparecer nos registros mais complexos do final da pré-história.

As primeiras formas de escrita eram simples, com poucos signos e feitas sobre superfícies como argila, pedra ou madeira.

Placa de argila com escrita cuneiforme

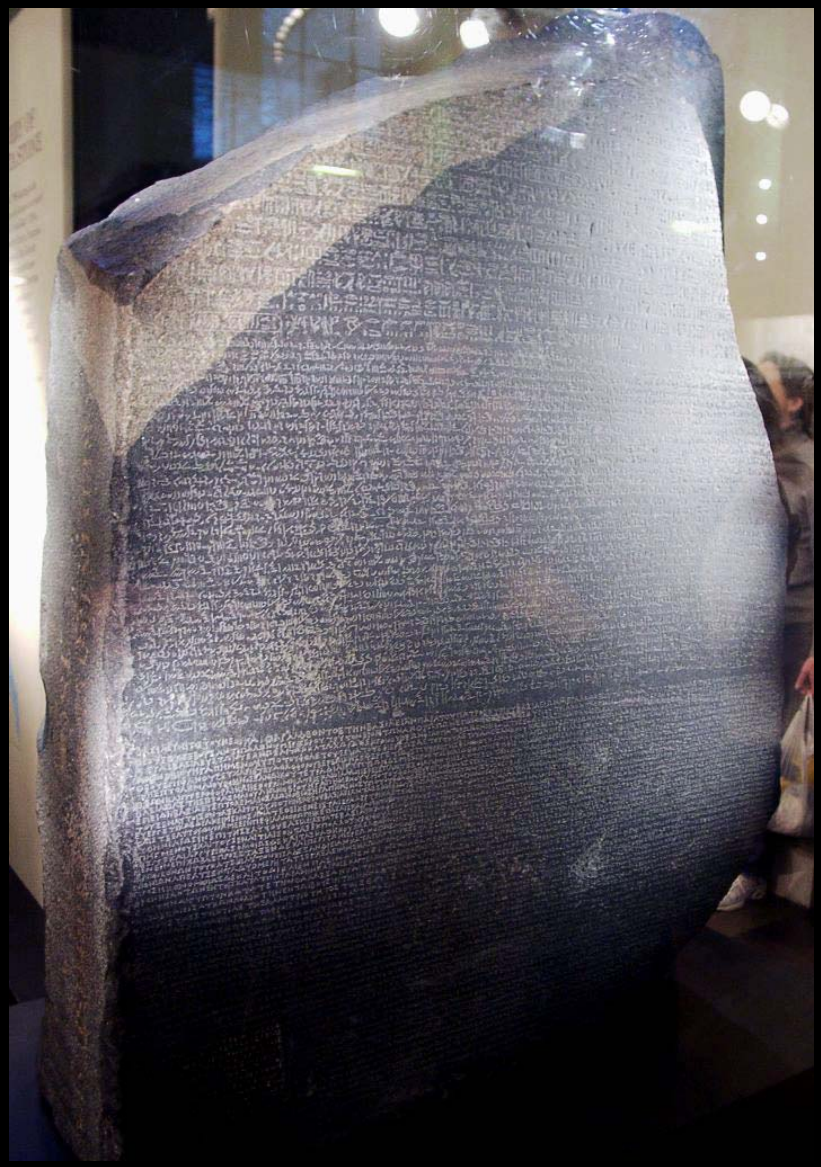
Registro escrito sobre pedra do Código de Hamurabi

Dos primeiros registros mais simples as escritas evoluíram para formas mais complexas, onde cada idéia era representada por um signo, são as chamadas escritas ideográficas. Os hieróglifos egípcios são um exemplo desse tipo de escrita.

Hieróglifos esculpidos sobre pedra e sobre papiro

O surgimento de escritas baseadas nos sons que emitimos ao falar foi o grande avanço que permitiu um sistema mais fácil para a leitura e o registro dos fatos.

Decifrar a escrita egípcia foi algo impossível durante anos, até que fosse encontrada a Pedra de Rosetta, onde o mesmo texto estava registrado em escrita hieroglífica e grego.



As escritas baseadas na fala primeiro surgiram como escritas silábicas, onde cada signo representava o som de uma sílaba.

Esse tipo de escrita já representou um grande avanço, pois o registro dos textos ficou muito mais simples que na escrita hieroglífica.

A passagem para as escritas fonéticas, aquelas nas quais cada signo representa um som, um fonema, foi o passo seguinte.

Primeiro surgiram signos para as consoantes, e só muito tempo depois surgiram os signos das vogais.

Alguns povos ainda utilizam escritas de outros modelos, chineses e japoneses possuem escritas ideográficas até os dias de hoje.

Vários povos desenvolveram escritas fonéticas.

Gregos, Fenícios e outros criaram seus alfabetos, e alguns desses – como o grego – são utilizados até nossos dias.

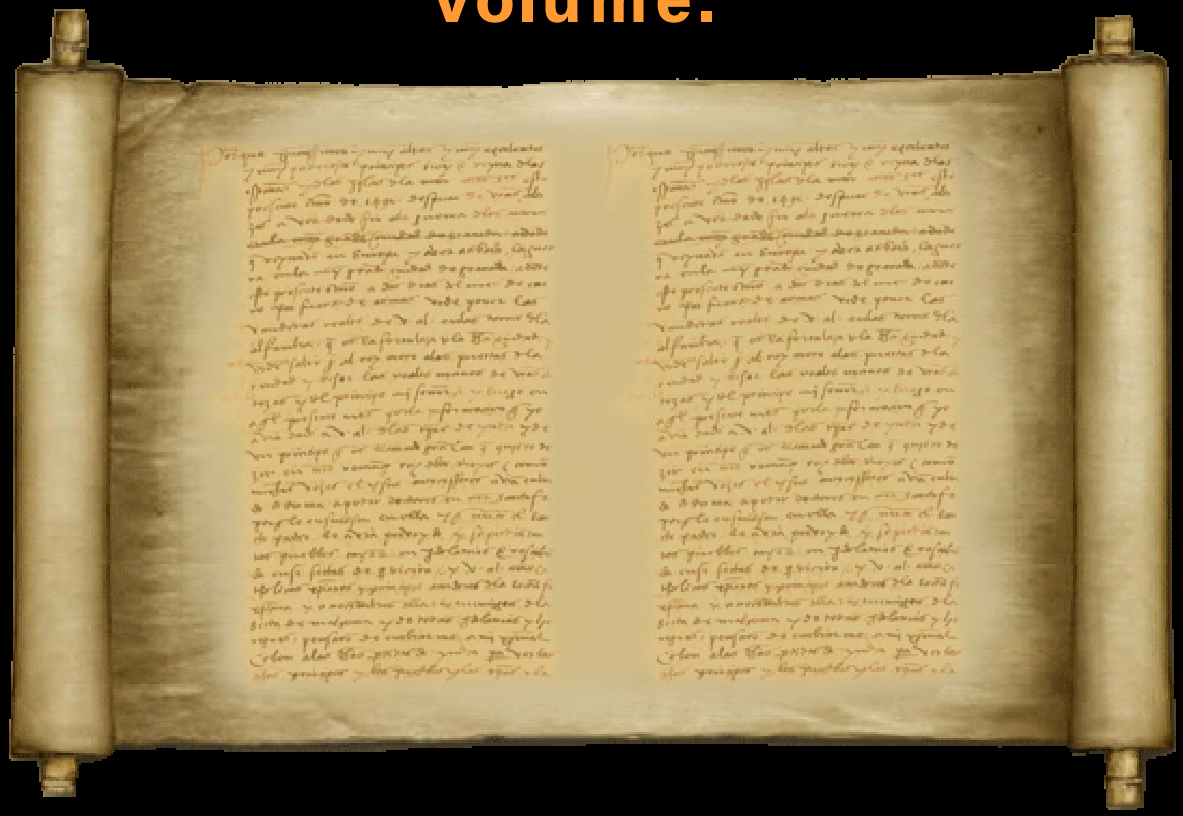
As letras do alfabeto que utilizamos atualmente tem uma origem diversa temporal e geográfica.

As maiúsculas são baseadas no desenho das letras da escrita monumental romana.

As minúsculas são baseadas no desenho das letras criadas especialmente para a redação dos documentos do império de Carlos Magno.

Já os algarismos foram incorporados do desenho da escrita arábica.

Os homens desenvolveram diversos suportes para escrita. O papiro egípcio era escasso e caro. Outros, mais leves como os tecidos e o couro, passaram a ser adotados e o registro escrito começa a ganhar um aspecto novo: o volume.



O livro pode ser considerado o primeiro produto gráfico a ser “fabricado”.

Durante muito tempo a produção de livros foi algo muito difuso, somente na Idade Média essa atividade ganhou mais organização.

Os escritórios medievais de reprodução de textos podem ser considerados o começo de uma atividade gráfica seriada.

Neles grupos de monges trabalhavam para a reprodução manual de vários textos; ao longo de quase toda Idade Média nos monastérios, esses grupos de homens fabricaram artesanalmente livros.

Os livros tinham seus textos redigidos sobre cadernos de quatro páginas de pergaminho, com letras cuidadosamente manuscritas com penas, páginas ornadas e iluminuras adornando várias delas em cada exemplar.

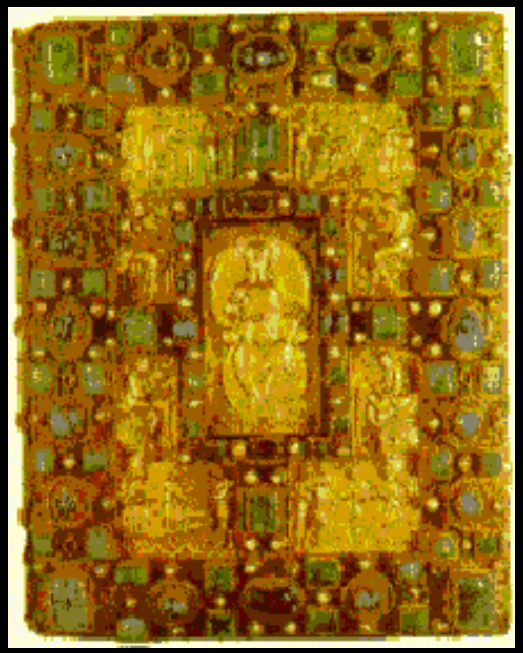
Após todos os cadernos de um determinado livro serem redigidos eles eram costurados pela sua dobra com fios de nervos de carneiro.

Como as folhas de pergaminho tendem a se deformar caso não sejam sempre pressionadas, os monges começaram a amarrar os miolos entre duas tábuas de madeira, para os manter sempre sob pressão.

Logo as tábuas passaram a ser unidas por um de seus lados por uma tira de couro, e os miolos eram costurados nelas; uma ou mais fivelas presas por pontas de couro fechavam os volumes.

Suas capas, que inicialmente eram feitas com madeira, foram sendo revestidas de metais nobres e ornadas com pedras preciosas.

Capa de prata dourada
Século VI



Capa de ouro e pedras preciosas
Século IX

Com o surgimento das universidades, e com o crescimento do número de pessoas alfabetizadas, a produção de livros sofre um acréscimo de demanda.

Novas técnicas são utilizadas para produzir mais rapidamente exemplares.

Os livros produzidos em xilogravura começam a substituir os feitos manualmente.

Matriz de xilogravura e instrumentos de corte da madeira.

No entanto, nem mesmo as técnicas artesanais de gravura conseguiram atender ao aumento da demanda por livros.

Especula-se que foi próximo ao ano de 1450, na Magnúncia (atualmente parte da Alemanha), que Johannes Gensfleisch von Guttenberg conseguiu reunir homens e conhecimentos diversos e inventou algo revolucionário:

Os tipos móveis.

Junto com os tipos móveis, Guttenberg adaptou uma prensa para a produção seriada de impressos.

Realizou uma proeza fantástica para época:

Imprimiu 200 exemplares da Bíblia.

Durante os séculos XV e XVI a indústria gráfica se expandiu rapidamente.

Em 1560 há registro da existência de uma tipografia em solo americano, na Cidade do México.

No Brasil a indústria gráfica ficou proibida até a chegada da corte portuguesa e a fundação da Imprensa Régia.

Nos séculos XVII e XVIII pouca coisa se modificou; os equipamentos foram sendo melhorados, mas a forma de trabalhar era basicamente a mesma.

A única grande mudança foi a divisão de tarefas entre impressores e encadernadores.

Em 1760 Alois Senefelder inventa a litografia e desenvolve o segundo grande processo de impressão.

Com matrizes de pedra e imagens desenhadas a delicadeza dos detalhes permitiu que a litografia rapidamente ganhasse mercado pela qualidade da imagem impressa.

O século XIX é responsável pela formação de uma industria gráfica nos moldes que hoje conhecemos.

Os produtos impressos mais significativos surgem nesse século, bem como são feitas inovações tecnológicas importantes.

Fotografia, rotativas, jornais e revistas são apenas algumas das novidades gráficas do século XIX.

A especialização de funções aumenta, e o desenhista ou homem de criação surge nas artes gráficas.

Sua função inicial é a de gerar as imagens e organizar os textos que deverão ser impressos.

Termos como: *rough* (rafe), *layout* e arte-final passam a fazer parte do universo gráfico.

O *rough* é o tradicional esboço. É o estudo de como ficarão distribuídas as imagens e textos pelo espaço do impresso.

***Layout* é o nome dado para algo que não tem tradução em nosso idioma. É uma simulação do impresso que deve ser feita o mais próximo possível do seu resultado final.**

É o *layout* que é apresentado ao cliente para obter a aprovação da idéia visual do trabalho.

Já as artes-finais são todos os elementos visuais que devem ser preparados para o prosseguimento do trabalho: fotografias, ilustrações, tabelas, infográficos, arquivos de texto ou de quaisquer outros tipos.

Durante muito tempo as artes para reprodução gráfica eram feitas exclusivamente de forma manual.

A introdução da fotografia, ainda no século XIX, e posteriormente o desenvolvimento de técnicas fotográficas para reprodução de imagens em artes gráficas, como a retícula e a seleção de cores, facilitaram a reprodução de imagens. Mas os textos continuaram a ser compostos com tipos fundidos.

A fotocomposição de textos, que se difundiu na década de 1960, foi um passo decisivo para a o aumento da qualidade visual dos textos impressos.

A introdução dos meios digitais nas artes gráficas inicia-se na década de 1970.

As chamadas estações de *DTP – Desktop Publishing* – somente se tornaram comuns no final da década de 1980.

***Scanners*, máquinas fotográficas e toda uma série de aparelhos periféricos foi introduzida no universo das artes gráficas.**

A qualidade de imagens impressas melhorou vertiginosamente com a digitalização dos meios de criação e produção gráfica.

Novos tipos de captura de imagens e impressão foram criados e tornaram o universo gráfico bem mais amplo e complexo.